

Olho para o espelho da casa de banho imunda e pergunto-me se ainda serei eu. Perdi-me algures entre ontem e hoje e não sei se ainda consigo voltar. Não deixei migalhas no caminho, só beatas, sonhos e desilusões. Desiludi a minha mãe, acho que a um certo ponto dececioná-la se tornou parte da rotina, faço merda como quem faz a cama. E nem vou falar do meu pai, de qualquer forma também não tem tempo para ficar desapontado, está demasiado ocupado a lixar o próprio casamento ou a gabar as proezas da minha querida irmã. Ridícula. Fedelha mimada com a mania que é intelectual. Pergunto-me se as gajas serão todas passadas dos cornos, ou se é só uma tendência bizarra das que me rodeiam. A minha ex ontem ligou-me a chorar, estava completamente histérica, uivava como um lobo fugido da alcateia, com a diferença de que os lobos são assumidamente bestas. Simplesmente existem, na solidão despreocupada de quem não tem inteligência emocional. De certeza que nem desconfiam que o amor é muito mais selvagem do que a vida na selva. Merda. Estou sozinho no bar, sem lobos, nem amigos. Decido ir beber mais um *shot*, uma tentativa ridícula de ridiculizar os meus problemas. *Tequilla*. Não preciso disto, ajo ridiculamente até sóbrio. Acendo um cigarro, o fumo vai, mas eu fico, não queria ficar, queria evaporar-me para onde fui feliz. Para esse sítio distante do disco riscado, do rádio depressivo e avariado, que tenho encravado numa ponta esquecida da cabeça. Antes não gostava de fumar, mas já não consigo deixar a sensação reconfortante de sentir o cancro a impregnar-se nos pulmões. Fumar mata, mas viver também, prefiro ser enterrado com o corpo cheio de alcatrão. Ao menos assim tenho uma estrada para fugir ou um caminho onde me despistar, depende do ponto de vista. Bebo mais um pouco e começo a ver manchas difusas, em conformidade com os meus pensamentos. Quero foder. É quase tão preenchedor como os abraços que não me deram. É no meio de um par de coxas que se guardam as saudades. Na tentação dos lábios das outras, contrafação medíocre da boca dela. Puta. Finjo que não quero saber enquanto acaba com o maço que podia, como eu, ser seu. Sexo. Antes gotas de suor do que lágrimas a escorrer dos olhos fartos de rever as memórias com ela. Começo a correr para outro lugar, tento fugir para outro tempo, sei que a procuro nas desconhecidas, encontro-a nas semelhanças tortuosas que não chegam para sufocar a mágoa. Estamos juntos por um instante que desejo poder tornar eterno, demasiado rápido para não me fazer chorar, suficientemente lento para termos tempo de conversar.

Meu amor, podias chamar-te Rosa, pois se adoro o teu perfume estou viciado na tua capacidade de me arranhar. E é por isso que te quero, cada pedaço de ti é uma lembrança deliciosa do quão lixado é viver. Queria escrever o teu corpo a abraçar o meu e tornar vírgula o ponto final, logo eu que nunca gostei de pontuação. Ainda te lembras das tardes em que os peixes nadavam em silêncio, agitando as barbatanas cor de Verão? Laranja, como o teu vestido singelo, aquele que eu tanto gostava de ver dançar com a brisa do vento. Quando eramos só os dois, deitados debaixo de uma árvore a ter longas conversas sem dizer coisa nenhuma. A acreditar que são verdades permanentes, as mentiras passageiras com que se escrevem as canções de amor. Inventámos o mundo todo num abraço, porque a minha vida cabia inteira no teu sorriso. Eramos felizes na monotonia dos dias e nas imperfeições um do outro, algures num dia de maio com temperaturas e preocupações de agosto. Lembro-me de acordar ao teu lado, com o calor do sol que beijava de mansinho os pedaços expostos dos corpos entrelaçados. Ficávamos deitados a apreciar cada segundo da companhia exclusiva um do outro, em silêncio, para conseguirmos ouvir o sincronizar das respirações. Até porque na tua cama a maioria das minha palavras perdiam o sentido ou encontravam novas definições nas nossas peles desnudas e apaixonadas. Tinhas-me por inteiro, nas promessas bonitas que sussurrávamos um ao outro. Mergulhava todos os dias na doçura doirada dos teus olhos castanhos ao sol, até me afogar nas poças de mel que tens no rosto. Já não sei nadar, só sei ter saudades. Deito-me no chão e o desespero invade-

me por não te conseguir tocar, os fantasmas não são de carne, o meu coração infelizmente é. Ainda sangra das vezes em que o cortaste, nas feridas abertas e nas cicatrizes, nas mentiras e nas meias verdades, nas ausências e no último adeus, naquilo que fomos e no que podíamos ter sido. Quando acordar amanhã, vou desprezar o soutien de renda preta no chão, porque não é teu. A rapariga deitada ao meu lado ser-me-á indiferente, porque não és tu. E estarei só, continuarei só enquanto estiver sem ti, porque mesmo que queira dar o meu coração a alguém, já não o tenho inteiro para partilhar. Todas as noites sou ninguém e toda a gente, as estrelas todas do céu, a brincar às constelações e ainda cada um dos beijos que nos esquecemos de dar. Adormeço com a certeza de que quando acordar vou deixar novamente de existir. Pelo menos em sonhos, talvez estupidamente, talvez ingenuamente, eu ainda consigo rir. Deve ser da ironia hilariante que é saber que a maior escuridão de todas é não te ver quando tenho os olhos abertos.

Simão Valente